

# **Trabalho e Migração em Matão-PB: entre o quilombo, o Rio de Janeiro e João Pessoa<sup>1</sup>**

Vanessa Emanuelle de Souza (PPGCS-UFCG)

Palavras-chave: quilombo, trabalho e migração.

## *Introdução*

No final do século XIX, um homem chamado Manoel Rufino e seus dois irmãos, Antônio e Edwiges, chegam a um lugar, que atualmente pertence à cidade de Mogeiro, região Agreste do estado da Paraíba<sup>2</sup>, e lá se estabelecem. Nesse pedaço de terra Manoel Rufino tratou de construir moradia para sua família que lá se fixou. Esse lugar é atualmente o quilombo do Matão que conta com aproximadamente 30 famílias.

Com a Constituição Federal de 1988 que assegura aos remanescentes dos antigos quilombos a posse da terra que ocupam e, posteriormente, com o Decreto Presidencial 4.887 de 2003 que regulamenta a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas, os estudos sobre os quilombos brasileiros vêm sendo desenvolvidos e apresentando uma diversidade de situações que podem ser reconhecidas pelo dispositivo legal.

Tendo em vista essa diversidade de situações a literatura antropológica encontrada sobre o tema demonstra a necessidade de pensarmos as distintas realidades de pesquisa. Eliane Cantarino O'Dwyer ressalta que é fundamental, ao analisar os grupos que demandam e os que já obtiveram o reconhecimento, fugir de romantizações e representações cristalizadas que cercam o senso comum sobre esta categoria, tais como as ideias que remetem aos quilombos históricos, formado num contexto de lutas e rebeliões contra o sistema escravista ou grupos isolados em lugares distantes. Os quilombos históricos representam apenas uma parte dos grupos que se enquadram no reconhecimento da categoria “remanescente de quilombo” contemplada no texto constitucional. A autora atenta para a importância de pensar a identidade dos quilombos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

<sup>2</sup> Mogeiro está localizada a cerca de 100 km da capital do estado, João Pessoa.

a partir das experiências de vida, das trajetórias e continuidade do grupo. Segundo ela os quilombos:

Consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. (O'DWYER, 2008:10)

Esse trabalho é fruto de uma relação de pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2008 com o quilombo do Matão. Nosso objetivo é explorar as diferentes relações de trabalho dos moradores de Matão com as cidades, relações que foram se transformando e se tornando essenciais para a sobrevivência do grupo e a permanência das pessoas na localidade. Para entendermos essas questões, realizamos uma pesquisa apoiada principalmente no trabalho de campo.

A presença do pesquisador na vida e no cotidiano do local estudado é essencial à compreensão dos modos de vida, das relações de sociabilidade e das representações. Na antropologia, foi Bronislaw Malinowski (1978) que consagrou o trabalho de campo como a ferramenta metodológica essencial à construção do saber antropológico. A presença do pesquisador em campo permite a construção de um trabalho que contemple aspectos da vida real que questionários, dados quantitativos ou relatos de terceiros não capturam. Desta forma tentamos conduzir nossa postura durante a pesquisa na procura de estar presente na vida do grupo e construir uma familiaridade com as pessoas.

James Clifford (1975) discorre sobre o trabalho de campo, sua relevância e as suas transformações na era pós-colonial. Mesmo com as transformações sofridas na maneira de fazer ciência, para Clifford, o trabalho de campo continua a ser central à antropologia e mais do que definir o que é o trabalho de campo, em alguns momentos, é através dele que se marcam as diferenças entre os antropólogos. Em certa medida, define o modo de fazer ciência. (CLIFFORD, 1997: 75).

Na condução da pesquisa, começamos com visitas periódicas ao campo que foram substituídas por estadias em momentos distintos, como férias escolares, festas juninas, para que as entrevistas dessem lugar a conversas cotidianas. Procuramos ouvir as memórias dos moradores, tentando entender como eles contam suas vidas e suas trajetórias. As leituras sobre história da região, migrações e etnicidade foram fundamentais na compreensão dos processos.

Desta forma, pensaremos as questões de trabalho e reprodução do cotidiano do lugar, permeado por deslocamentos e relacionamentos com as cidades próximas e distantes de tal forma que a história de Matão se conta, em certo sentido pelas relações históricas de trabalho, exploração e separação, protagonizadas por homens e mulheres que lutam pela reprodução da vida nesta terra que lhes pertence e que, de muitas formas, lhes define.

### *Trabalho e migração em Matão*

Nas entrevistas e conversas contam os mais velhos que a agricultura sempre foi o meio de subsistência deste povo que enfrentou grandes desafios para a manutenção de sua vida neste lugar. Um deles representado pela garantia de terras para o plantio. Desde sua chegada sempre se utilizaram das terras vizinhas nos sistemas de parceria e meação<sup>3</sup> para que desta forma pudessem produzir.

A chegada Manoel Rufino (homem negro e livre<sup>4</sup>) é reconhecida por todos, no momento atual, como o momento de fundação de Matão. A origem, muitas vezes mistificada, é elemento importante da análise de tal modo que em Woortmann (1995) encontramos a história da ocupação do Sítio de Lagoa da Mata no estado de Sergipe, o fundador Manoel Barreto chega a um lugar de “natureza”, de mata e, a partir do trabalho, torna essa terra sua. Ele transforma esse lugar em um lugar de moradia e, através de seu trabalho, cria um mundo para ele e para os seus familiares. As semelhanças na história permitem perceber a centralidade do trabalho na criação do “mundo” e a necessidade de ressaltar que o fundador do lugar transformou e ocupou este lugar que passa a ser a terra dele e de sua família.

Nas entrevistas sempre aparece a figura de Manoel Rufino trabalhando, criando gado, plantando algodão, negociando, tornando-se personagem central na história de Matão. Foi através da permanência deste homem e seu trabalho nesta terra que hoje seus descendentes reivindicam a identidade de quilombolas e, posteriormente, a garantia de sua terra. As relações de Matão com a maior parte de seus vizinhos são mediadas por

---

<sup>3</sup> São sistemas nos quais trabalham na terra de um fazendeiro sem pagar o “aluguel” da terra em dinheiro, mas com a produção depois da colheita.

<sup>4</sup> Nos discursos destaca-se que ele não era escravo.

um fator determinante: o trabalho. A necessidade de trabalhar em terras vizinhas sempre foi presente.

A partir de meados do século XX a agricultura foi perdendo espaço e a pecuária tornou-se uma atividade mais rentável, os mais prejudicados foram os que trabalhavam em terras dos grandes proprietários, pois a terra para trabalho foi ficando cada vez mais escassa e os donos de terra ainda exploravam seu trabalho para preparar a terra para pecuária. Ao término da colheita eles devolviam a terra pronta para a criação do gado. De acordo com Lira (1983), em pesquisa realizada em municípios da região Agreste da Paraíba, o início da década de 1970 foi um divisor, pois houve um significativo aumento das pastagens artificiais o que significa uma redução drástica das terras disponibilizadas para os pequenos agricultores plantarem.

Teresa Sales (1982) e Lygia Sigaud (2004) elaboram análises distintas, mas que nos permitem pensar os impactos das leis trabalhistas sobre as relações de trabalho tradicionalmente construídas entre trabalhadores rurais no Nordeste Brasileiro. Em 1963 há a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural que oferecia garantias e direitos trabalhistas aos trabalhadores do campo, os quais antes deste ano não tinham amparo na legislação. Esse estatuto acabou por ser um elemento de agravamento das condições de vida desses pequenos agricultores que trabalhavam em terras vizinhas e dos “moradores”<sup>5</sup> pois gerou nos proprietários de terras medo de ações judiciais e perda de terras em favor dos trabalhadores. Representou assim a expulsão dos moradores e o maior rigor no ceder terras para o plantio. (SALES, 1982; SIGAUD, 2004).

Diante disso podemos perceber os desafios enfrentados pelos moradores de Matão para garantir a sua sobrevivência ao longo de sua permanência nesse lugar. Uma alternativa encontrada para esses processos de afastamento das terras foi o movimento de migração para a região canavieira do Estado de Pernambuco, especialmente o município de Goiana, e para o Sudeste do Brasil.

O trabalho na cana-de-açúcar se constitui enquanto uma atividade cíclica. O contingente de mão-de-obra é variável de acordo com o ciclo agrícola. É na época da colheita, um período de quatro a cinco meses por ano, que é necessária uma grande quantidade de trabalhadores e nesse momento intensifica-se a exploração. A cana-de-

---

<sup>5</sup> Os moradores são trabalhadores que, não possuindo terra, estabelecem um ‘contrato’ verbal com o dono de uma terra no qual este lhe cede uma casa em sua propriedade e terra para o plantio e o trabalhador lhe devolve com dias trabalhados para esse ‘patrão’.

açúcar entrava e saía da vida dos moradores de Matão conforme a necessidade de mão-de-obra nas usinas e a necessidade pessoal de cada um. Por exemplo, essa mulher afirma que:

Teve uma época que um bocado de rapaz solteiro *eles via* que o roçado *num tava* dando nada, no tempo que bateu o bicudo, que tinha a lagarta, que ia relaxando tudo esse negócio de algodão, aí eles se debandaram tudo na palha da cana de fazer medo. (Mariana<sup>6</sup>, 46 anos)

Cortar cana é um trabalho penoso, desgastante encarado como ruim e desumano, demonstrando na leitura dos moradores do Matão, que a pessoa não tem outra opção melhor. A imagem que essa mesma mulher nos oferece dos homens saindo para ir trabalhar em Pernambuco é ilustrativa de quão desumana é encarada a “palha da cana”:

Você num vê as vezes na pista passando assim aqueles povo com saco *nas costa*? Era assim que esses homens saiam daqui, pareciam *inté uns mendigo*, saco nas costas, chapéu de palha na cabeça. Ave-maria, meu deus, isso saía na segunda e voltava na sexta e às vezes esses que tinha condição, e os que não tinha, saía na segunda e só voltava com quinze dias. Com quinze dia é que essas mulher e esses filho ia vê pai e que trazia alguma coisa pra eles comer. (Mariana, 46 anos)

Marilda Menezes (2002) realiza uma análise voltada ao fluxo migratório que persiste desde o início do século XX: a migração sazonal de trabalhadores da região Agreste da Paraíba para a plantation canavieira no estado de Pernambuco. Menezes propõe o uso da noção de “camponês-trabalhador”:

A categoria camponeses-trabalhadores permite ultrapassar limitações de proposições teóricas baseadas em dualismos que examinam a realidade social através de oposições exclusivas. É também preferível à visão que concebe o desenvolvimento social através da periodização linear, na qual uma fase histórica é seguida por outra mais avançada. (...) o uso da categoria camponeses-trabalhadores parece apropriado para explicar a natureza híbrida de grupos de camponeses que

---

<sup>6</sup> Os nomes são fictícios. Tendo em vista que à época das entrevistas o grupo passava por um processo judicial de demarcação de suas terras, optamos por não revelar os nomes dos entrevistados.

têm trabalhado em atividades assalariadas, ao longo de suas vidas e através de gerações. (MENEZES, 2002: 50).

A necessidade do trabalho assalariado os impele a sair do seu local de origem e, neste sentido, Menezes trabalha com a categoria “camponeses-trabalhadores migrantes” considerando-a ilustrativa da realidade dos trabalhadores que, durante sua vida, protagonizam distintos tipos de migração. Ao Analisar os itinerários diferenciados dos camponeses-trabalhadores migrantes ao longo de suas vidas, seus movimentos migratórios e trajetórias, percebe a persistência de camponeses-trabalhadores migrantes ao longo do tempo demonstrando o fato de que estes são “permanentemente temporários”.

Essa noção de migrantes permanentemente temporários remete às análises de Maria Aparecida de Moraes Silva (2005). Centrada em um debate metodológico sobre migrações, uma de suas posturas mais contundentes é evitar a divisão entre migrantes temporários e permanentes. Sua busca – e postura metodológica – consiste em dar voz aos migrantes a partir de suas falas, de sua história de vida, perceber suas trajetórias, sem perder de vista os fatores macroestruturais.

Para tanto, observa o migrante de dois lados: de um lado o migrante é um trabalhador vivendo em meio a relações sociais que, na maioria das vezes, são relações de violência e exploração. Do outro lado do migrante, tem-se um sujeito de um local, imerso em laços sociais que o definem enquanto pertencente a este local, este espaço social e cultural. Silva (2005) percebe que a migração é constituída não apenas pelo migrante, mas também – e igualmente – pelos que não migram:

Os que partem fazem parte do conjunto dos que ficam.  
Partir e ficar são faces de uma mesma realidade social,  
que, embora dividida no espaço, acha-se unida no tempo.  
Tempo de partir para uns é, simultaneamente, tempo de  
ficar para outros. (SILVA, 2005: 54).

Para Neide Esterici (1985) é necessário ter em mente o papel do grupo que preexiste à migração e, dependendo da organização interna deste grupo, as estratégias adotadas serão distintas, como o ato de migrar ou não. Aponta também para a importância deste grupo não apenas na estratégia de migração, mas na constituição do

projeto do migrante, ou seja, mesmo quando o indivíduo parte sozinho, considera as necessidades de seu grupo doméstico.

Verena Nogueira (2010) afirma a relevância de respeitar a heterogeneidade e a pluralidade dos deslocamentos. Em sua análise sobre migrantes no município baiano de Aracatu prefere considerar categorias como “saídas” ou “andanças” percebidas ao longo de sua pesquisa, pois elas refletem a experiência de diversos e distintos deslocamentos ao longo da vida dos aracatuenses. Ressalta, bem como Menezes (2000), a relevância das redes de parentes nos locais de destino. Através dessas redes eles conseguem empregos, hospedagem e mantêm o “seu lugar” nas fazendas de origem.

O movimento é, em sua análise, não apenas presente há tempos na área estudada, mas é constitutivo da vida dos moradores de Aracatu. Desta forma, ela vê na migração como intimamente ligada à reprodução de uma moral camponesa, de um modo de vida, de uma *campesinidade* (no sentido atribuído por Klaas Woortmann). (NOGUEIRA, 2010: 220).

Esses autores nos ajudam a perceber que a figura do migrante, ou do “camponês trabalhador migrante” deve ser observada de vários ângulos e formas. As relações do grupo que antecedem a migração são essenciais para pensar quem precisa partir e quem precisa ficar. Sair do local de origem não significa necessariamente romper as relações com ele. Na verdade, o local de destino representa, de muitas formas, uma extensão do lugar de origem, seja através das redes de parentesco ou através dos fluxos de notícias mercadorias e dinheiro que são alimentados constantemente.

Os movimentos migratórios da Paraíba para a região Sudeste têm seu início nas primeiras décadas do século XX e intensificam-se nas décadas de 1950, 1970 e 1980<sup>7</sup>. A industrialização e o desenvolvimento da região sudeste atraíram um grande número de nordestinos que buscavam no “sul” encontrar melhores condições do que as vividas em suas terras.

O espaço nordestino foi se firmando cada vez mais como fornecedor de mão-de-obra e de matéria-prima para a industrialização do Centro-Sul. A ultrapassada e estática indústria nordestina entrou em decadência por

---

<sup>7</sup> MENEZES, 2002.

incapacidade de competir com a moderna e dinâmica indústria do Centro-Sul. (CAVALCANTI, 1993: 56).

Em oposição ao trabalho nos engenhos e usinas, a saída para o Rio de Janeiro representava a oportunidade de ganhar dinheiro. Deste modo, há relatos de homens que saíam em busca de salário, de juntar algum dinheiro e depois voltavam com o resultado de seu trabalho, para alguns o Rio de Janeiro se constituía enquanto uma alternativa temporária de sobrevivência. Há ainda os que foram e lá se estabeleceram. Na realidade sair para trabalhar na cana-de-açúcar ou em outros tipos de trabalho implica na mudança dos padrões de relacionamento e de subordinação, o que demonstra que algo se soltou na complexa trama desse campo.

Do ponto de vista dos que partem e dos que ficam, a viagem do migrante é construída pelos e com os sentimentos que são acionados quando instados a falar sobre a mesma. A partida é sempre encarada como um momento de sofrimento e de perda. Ao que parece, a pessoa ao sair reconhece que aquele lugar não lhe permite sobreviver dignamente e a busca por trabalho em outro lugar é mais que uma opção, é uma necessidade, implicando em perdas afetivas e, parece, no direito de reproduzir a si mesmo e ao modelo da comunidade. Assim esse senhor descreve os motivos da partida:

É, o motivo assim da pessoa deixar o lugar é atrás de uma vida melhor, né? Porque aqui, que aqui falta emprego, é... mesmo se quiser trabalhar na agricultura, falta terra p'ra trabalhar, falta recurso. Tem a terra, mas falta recurso, num é? Aí muitos toma destino, vamo p'routro canto, tentar vê se tem as coisa, se aprende uma profissão, p'ra melhorar a situação, melhorar a vida. (Sebastião 50 anos).

De acordo com Silva (2005) a migração deve ser pensada como um acontecimento histórico que atinge os que partem e os que ficam. Ela aponta para o fato de que os processos de partir e ficar, de migração não podem ser reduzidos a simples complementaridade, ou apenas como estratégias de sobrevivência. Partir e ficar são relações complexas e o pesquisador deve estar atento às relações contraditórias “em que conflitos, perdas, separações, mortes, associam-se a reencontros, às voltas, às reconstruções culturais, etc.”. (SILVA, 2005: 54).

Há alguns momentos de intensa migração, principalmente a segunda metade do século passado. Esses anos representam uma transformação na condição de membro de



Matão, ou seja, constroem-se relações diferentes entre nascimento, trajetória e a relação com a terra, aqui pensada enquanto território. A quantidade de pessoas fora é citada por quase todos os moradores em suas conversas, mais do que o número, o que chama a atenção é o fato deles demonstrarem que estão espalhados:

Eu acho que a população aqui da comunidade no Rio de gente conhecido tem quase o mesmo tanto. Eu mesmo tenho tio, tenho tia que eu não cheguei a conhecer, eles foram... eu tenho prima que eu num conheço, desejo conhecer um dia, mas... Foram, meus tio tão lá desde antes de eu nascer. (Samuel, 36 anos).

Com os movimentos migratórios se forma um cenário bastante complexo: de um lado, a saída de alguns permitiu que os outros tivessem seu acesso à terra garantido, os que ficaram tiveram condições de construir suas casas e continuar morando em Matão, o que lembra que a migração pode ser encarada como uma maneira de garantir a reprodução social do grupo (MENEZES, 2002). A migração libera terras e pode aportar recursos, funcionando como uma renda monetária importante para a manutenção dos parentes com alguma autonomia. Por outro lado, é possível perguntar quais são os desafios que se apresentam aos mesmos quando tantos saem da vida cotidiana.

Percebemos que mesmo os migrantes que não voltam à Matão, são pensados como parte da história, segundo seus moradores, guardam sua terra na memória: morando perto de outros que vieram da mesma região; telefonando nos fins de semana e dando as notícias dos que não podem ligar para suas famílias e passando para estes as notícias que receberam de sua terra natal; acolhendo os que hoje querem ainda sair de Matão.

### *Homens, mulheres e o trabalho na capital.*

A partir da década de 1990 da construção civil, principalmente em João Pessoa, capital do estado, se consolida como alternativa viável de trabalho e renda. Com este processo ocorrem algumas transformações essenciais nas relações cotidianas que envolvem os moradores de Matão. Nas entrevistas que realizamos durante nossas pesquisas sempre tivemos referências ao trabalho na construção civil, tendo em vista que, a maioria dos homens exerce esse tipo de trabalho. Trabalhar em João Pessoa é,

para muitos, uma melhoria nas condições de vida, pois permite que todos os finais de semana ou a cada quinze dias, os trabalhadores estejam em casa e participem mais ativamente do cotidiano da comunidade.

É importante para o homem sair e trabalhar fora, pois assim demonstra sua capacidade e vontade de prover sua família. Contudo esse trabalho também traz representações negativas: nos discursos destacam insegurança e medo que enfrentam diariamente e, mesmo acostumando-se com essa realidade, ainda lhes incomoda a falta de segurança do ambiente.

Lá, nós às vezes, pega muito serviço que é muito perigoso, de risco, mas fazer o quê? A precisão obriga a gente a fazer esse tipo de coisa. Porque você chega numa obra e *tá* em fase de uma fundação, *tá* trabalhando em área de risco. (...) Você vai trabalhar *atrepado*, é área de risco. (Rafael, 46 anos).

Apesar das representações ambíguas sobre a agricultura, é comum a todos que o trabalho na terra é digno e oferece ao homem condições de reprodução a partir de valores que são culturalmente criados e reproduzidos cotidianamente. Contudo, o trabalho na agricultura não oferece retorno financeiro suficiente. (SOUZA, 2009, 2012).

É fácil reconhecer as casas de moradores que trabalham na construção civil: são as mais novas, possuem benfeitorias, são feitas reformas (piso de cerâmica, forro de gesso, grades de ferro). Seus salários permitem a construção de um padrão de consumo que com a agricultura não era possível. Mas é também através de seu trabalho na construção civil que conseguem reproduzir um padrão agrícola através do investimento na compra de bois, aluguel da terra para o “roçado” e na produção de alimentos para o consumo da família.

Contudo não é de forma harmoniosa que se dá a relação entre morar nos dias de semana em João Pessoa e nos fins de semana em Matão. Os trabalhadores se ressentem da necessidade de submissão a condições de trabalho degradantes, mas há ainda outras condições que são motivos de reclamação. Em conversas informais (não gravadas) os homens citavam o cansaço de passar a semana dormindo e se alimentando mal, pois as condições de vida eram precárias. Além do fato de serem vítimas de preconceito, pois, trabalhando em áreas nobres da cidade, eram orientados a não circular nos finais de semana, para não perturbarem os moradores da região, mesmo que precisassem ficar na

cidade no fim de semana. Os moradores se sentiam incomodados com a presença de tantos homens pobres e negros ao seu redor e faziam queixas aos responsáveis pela obra.

Ao observarmos os padrões de valores como a honra no cotidiano de Matão. (SOUZA, 2012). Percebemos representações sobre o trabalho fora da comunidade. Se, por um lado, como chama à atenção Pierre Bourdieu (1998), em suas análises na sobre a Cabília, a honra masculina, nesse mundo, se dá pela vida pública, pela necessidade de aparecer diante das pessoas. Em Matão verificamos que a valores subjetivos como a honra é representada pelo fato do morador trabalhar fora, “ganhar” o mundo para a manutenção de sua família. No entanto, essa publicidade causa certos desconfortos, pois ao estar longe, o pai ou o marido perde o controle sobre o que se passa em sua casa, podendo ser que, ao não saber o que todos os membros da família estão fazendo, ou pelo fato de não exercer a vigilância direta, sobre seus filhos, filhas e esposas, os mesmos possam expô-lo à desonra.

A honra da mulher é a casa, o ambiente privado (o *haram*, como afirma Bourdieu). Neste contexto mesmo que uma mulher trabalhe fora, suas obrigações principais são com sua casa, marido e filhos. Mas ela pode, através de atitudes desrespeitosas, de comportamentos impróprios atrair desonra sobre si e sobre os homens de sua família. Há conflitos, embora não tão explícitos, sobre o comportamento sexual dos homens quando estão fora de casa, ou seja, no trabalho em João Pessoa. A existência de mulheres e filhos fora dos casamentos é sussurrada nas conversas e motivo de brigas e intrigas entre as pessoas.

Trabalhar em empresas oferece outro problema: o encarregado. Ser mandado por outro trabalhador como ele lhes causa grande desconforto. Revelam o desconforto de receberem ordens diretas de pessoas que são “iguais” a eles ou ainda de pessoas mais novas (no caso dos mais velhos). É comum, entre eles a não permanência durante muito tempo na mesma empresa, ou seja, verifica-se uma grande rotatividade entre os trabalhadores moradores de Matão. Geralmente pedem demissão, o dinheiro recebido é usado para pagar dívidas, comprar bois ou fazer reformas na casa. A maioria dos trabalhadores afirma que não é bom trabalhar muito tempo em uma mesma empresa.

Entre os mais jovens que trabalham na construção civil há ainda os padrões aprendidos na cidade que não se encaixam com os do grupo. Esses padrões configuram

uma espécie de choque cultural, pois não se harmonizam com suas estadias em casa nos fins de semana, esses comportamentos se referem, especialmente, em questões sexuais. É o exemplo de casamentos que não são legitimados pelo grupo, e de “afastamento” de filhos que simplesmente não se conformam mais com os padrões de casa.

No caso das mulheres, o trabalho de empregadas domésticas é cheio de representações controversas. De um lado a necessidade, de outro, a ambiguidade de uma condição que nem sempre é valorizada e respeitada. Indica a fragilidade da família em prover as necessidades, mas representa uma situação transitória que se encerrará com o casamento ou com um emprego novo e também desafios à manutenção de padrões de sociabilidade tradicionais.

Savaro, Lago e Wolf (2014) conduzem uma pesquisa com mulheres líderes de movimentos sociais e ressaltam que a voz ativa das mulheres questiona os códigos tradicionalmente construídos e reproduzidos e gera conflitos. Essa voz ativa pode ser pensada também como a emancipação econômica. Como dito anteriormente sobre a honra, há uma valorização do comportamento da mulher voltado para dentro de casa. Ao sair para trabalhar fora diminui a possibilidade de vigilância dos pais sobre esse comportamento o que nem sempre é visto com muita tranquilidade.

### *Considerações finais.*

Nogueira (2010) chama a atenção para o fato de que o que as pesquisas enquadram sob a categoria migração é vivenciada de formas distintas pelas pessoas como “viagens”, “saídas”, “andanças”. É importante atentar para a heterogeneidade e pluralidade dos deslocamentos protagonizados pelas pessoas com as quais construímos nossas relações de pesquisa. Cada tipo de relação de trabalho e moradia construída fora de Matão traz representações distintas para quem protagonizou e para os familiares que ficam ou que o acompanham. Sejam essas viagens para o estado de Pernambuco para cortar cana-de-açúcar, para o Rio de Janeiro ou para João Pessoa, cada uma está presente na memória e no imaginário dos moradores de Matão.

O trabalho em João Pessoa é hoje a alternativa mais comum para os homens solteiros e casados que desejam uma melhoria no padrão de vida. Para as mulheres é também uma opção, apenas para as solteiras, contudo mais controversa. Pois não é sem

conflito que os moradores de Matão desenvolvem essas distintas relações de trabalho. Esses trabalhos, muitas vezes, se chocam com seu modo tradicional de encarar o mundo e que demanda mais que esforço físico no trabalho, exige uma adaptação dos valores reproduzidos no espaço urbano, com os valores reproduzidos no local de origem, ou seja, no espaço rural, onde costumam passar os finais de semana.

Trabalhar na cidade permite a reprodução da vida, aumento do padrão de consumo, pode representar também a manutenção da atividade agrícola, pois o dinheiro que vem desse trabalho permite a compra de materiais necessários ao incremento da produção, além da compra de gado. Permite também o contato e a manutenção de uma rede de parentesco com os parentes que migraram há anos e isso reafirma laços de sociabilidade e solidariedade. Mas também trabalhar na cidade pode trazer conflitos para o cotidiano, a espacialidade e a sociabilidade na cidade é diferente, as relações de trabalho estão pautadas em valores distintos. Namoros são citados abertamente ou em conversas mais privadas como algo a ser temido, pois não há como manter o controle e a vigilância quando não ocorrem nos limites da comunidade.

Por fim é preciso ressaltar que Matão sempre manteve um relacionamento constante e variado com as cidades – vizinhas ou mais distantes. Há a feira todos os sábados na qual eles fazem compras e algumas vezes comercializam parte da produção; as escolas, nas quais estudam os jovens após saírem dos primeiros anos escolares na comunidade; as universidades, alguns jovens cursam o ensino superior; e as relações de trabalho. Há também as reuniões, encontros e congressos do movimento quilombola que demanda a presença dos representantes da comunidade. Estas relações, sempre presentes, não acontecem sempre sem conflitos, mas são essenciais para pensar os contornos da comunidade e, inclusive, para perceber a construção de um sentimento de pertença e, posteriormente a luta e reivindicação do território quilombola.

## *Referências Bibliográficas*

BOURDIEU, Pierre. O Sentimento da Honra na Sociedade Cabília. In: PERISTIANY, J.G. **Honra e Vergonha**: valores das sociedades mediterrânicas. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998.

CLIFFORD, James. Práticas espaciales: el trabajo de campo, el viaje y la disciplina de la antropología. In: **Itinerarios Transculturales**. Barcelona: Gedisa Editorial. 1997.

CAVALCANTI, M. H. P. *et al.* **Uma História do Ingá**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

ESTERCI, Neide. **Migrações e Migrantes**: uma nova versão. Textos para discussão nº 4. Mestrado em Ciências Sociais/UFRJ, 1985.

LIRA, Gitana Maria Figueirêdo. **O Homem ou o Boi**: o roçado ou o capim. Dissertação de Mestrado – UFPB. Campina Grande, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MENEZES, Marilda Aparecida. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro: RelumeDumará; João Pessoa: EDUFPB, 2002.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo Mundo**: a conformação de uma territorialidade camponesa. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. 2010.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. **Terras de Quilombo no Brasil**: direitos territoriais em construção. Revista Ariús. Campina Grande, v. 14. n. 1/2. 2008.

SALVARO, G., LAGO, M. & WOLFF, C. **Limites e Possibilidades da Militância Política em um Movimento Social Rural de Mulheres**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2014.

SOUZA, Vanessa Emanuelle. **“Tomar Destino” para a Terra do Trabalho ou Ficar no Destino da Terra sem Trabalho**: um exercício etnográfico acerca das migrações e seus impactos na comunidade quilombola do Matão – PB. Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande, 2009.

\_\_\_\_\_. **Honra, Migração e Memória em Matão** – PB. Dissertação de Mestrado – UFCG. Campina Grande, 2012.

SALES, Teresa. **Agreste, Agrestes**: Transformações recentes na agricultura nordestina. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1982.

SIGAUD, Lygia. **Armadilhas da Honra e do Perdão**: usos sociais do direito na mata pernambucana. Mana, nº 10, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições Metodológicas para a Análise das Migrações. In: DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri & TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (org). **Estudos Migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, Compadres e Nomes**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.